Penteado Afro: Cultura, Identidade e Profissão

Raphaela M. Fagundes1[1]

> A cabeça (e tudo o que ela representa) une o mundo contemporâneo à ancestralidade, relaciona as pessoas com os mitos criadores, identifica e distingue os povos e sociedades.2[2]

RESUMO

Este artigo trata construção da identidade negra, através do uso consciente do cabelo afro e da maneira como isso reflete a imagem do afrodescendente perante a sociedade e si mesmo. Consistindo em uma forma de reconhecimento e aceitação de suas origens. Ainda, retrata a importância que essa força identitária tem para o turismo, como forma de valorização cultural, fortalecimento racial e suporte econômico-social.

Palavras-chave: cabelo afro; identidade; afrodescentente.

INTRODUÇÃO

O cabelo do afrodescendente certamente é parte intricada do perfil estético que compreende a identidade negra. A relação que cada um tem com seu cabelo é muito particular. O fato de saber ou não lidar com ele determina a forma como é aceito. Além disso, as possibilidades de informação que cada um tem e as experiências vividas desde a infância até a idade adulta fazem com que as pessoas criem diferentes conceitos sobre a forma como encaram seu cabelo e traços, descendentes das populações que vieram do continente africano. Há também que se considerar as noções de alteridade que cada um tem, que em geral causam um "despertar" para o reconhecimento de uma identidade própria, frente ao espelho e à sociedade.

Assim, pretende-se aqui, tratar do modo como se fortaleceu a identidade do afrodescendente no Brasil pelo viés da arte de penteados para cabelos deste perfil. Abordando a forma como se difundiu e aperfeiçoou aqui, os arranjos do cabelo, como cultura que já foi tão ratificante, fundamental e representativa no outro continente. Refletindo especialmente sobre a conexão que esta tem hoje com o fomento da cultura e identidade da cidade de Salvador - Bahia.

Para tanto, serão consideradas pesquisas bibliográficas e observações baseadas em pesquisa de campo sobre as condições de trabalho de trançadeiras(os) atuantes em locais turísticos da cidade e que fazem parte da Associação: ASSOTRAN.

UM BREVE HISTÓRICO

No início do século XVI os negros aportaram na Bahia, tendo seus costumes, cores e cabelos menosprezados, devido à posição social na qual se encontravam. Pois já

vinha embutida de genuínos pré-conceitos raciais; Pois eram "negros e escravos."- como diria a aristocracia da época.

De lá pra cá, muitas lutas e resistências sucederam na busca pela liberdade, a exemplo dos movimentos de quilombos e rebeliões como a Revolta dos Malês em Salvador, na Bahia, no século XIX.

Posteriormente, com o fim da escravatura, no período republicano, o negro, oficialmente livre, passou a enfrentar a condição, não oficial, de cidadão de terceira categoria, a qual foi relegado por questões eminentemente econômicas. Desde então, a luta passou a ser pelos direitos de igualdade racial e social.

Para isso foram criados alguns movimentos de Negritude. Que receberam força especialmente a partir da década de 60, do século XX, quando o continente africano foi marcado pela descolonização dos países dominantes. Processo que traz reflexo direto aos negros das Américas e do Caribe.

Tais movimentos, por sua vez, valorizam a cultura popular, as características negras e as miscigenadas de afrodescendentes, de modo a fortalecer uma crescente "consciência racial", que chegara a princípio nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, para depois ser transmitido ao restante do país.

O novo movimento étnico, disseminado aqui nos discursos norte-americanos de moda e orgulho negro, ganhara força para desassociar o ideal de beleza negra do ideal branco. Que até então dominava soberano, pregando cabelos lisos, longos e louros.

Chega, portanto, o momento em que o negro ou mestiço, afrodescendente, sente maior convicção em aceitar seus traços próprios e originais. Consequentemente, com tais tendências em vigor, procurou-se uma naturalização dos cortes, trançados e penteados afro, sendo impulsionado então, o movimento americano do "Black-Power" e jamaicano dos "Dread Looks".

Essa conjuntura culminou para uma redefinição de identidade étnica como um todo, modificando os conceitos dos cabelos para os afrodescendentes. De forma a criar uma identidade nacional, até então incógnita para próprio povo, de forma geral tão disperso e mesclado.

LEGADO ÉTINICO-CULTURAL

As memórias presentes no imaginário do afrodescendente são muito ricas em histórias, costumes e mitologias, que fazem continuar uma África além-Atlantico e outra reinventada aqui. De acordo com Raul Lody,

> Ao lado das culturas nativas, a cultura africana é especialmente importante na história dos países que foram escravocratas. É preciso considerar a influência africana nos conceitos estéticos dos colonizadores e a participação de sua cultura na formação da identidade dessas civilizações. (LODY, R. 2004, p.19)

Segundo o autor, na cultura africana, o corpo é um espaço de manifestação artística, especialmente a cabeça, de modo que, segundo LODY, R. "os cabelos e os penteados assumem para o africano e os afrodescendentes a importância de resgatar, pela estética, memórias ancestrais, memórias próximas, familiares e cotidianas." (2004, p.65)

Bem como o efeito dos cabelos, outros elementos são incorporados à imagem, como cita Jocélio Teles dos Santos, "a maquiagem negra circunscrita à reprodução de um estilo afro "autêntico ou estilizado" remete para a importância do rosto na valorização de traços e do tipo físico, tornando o cabelo um elemento fundamental na constituição do que seja a beleza negra."3[3] Assim as tradições trazidas da África negra assumem um novo colorido, também marcante na América miscigenada e contemporânea.

Referindo-se à diferentes representações que a arte dos penteados afro já teve, Nilma Lino Gomes (2003), em seu artigo, lembra que "(...) no início do século XV o cabelo funcionava como um condutor de mensagens na maioria das sociedades africanas ocidentais." E, de acordo com a mesma, "nessas culturas o cabelo era parte integrante de um complexo sistema de linguagem." 4[4]

O artigo ainda reporta que, desde o surgimento da civilização africana, o estilo do cabelo era usado para indicar o estado civil, a origem da pessoa, a idade, a religião, a identidade étnica, a riqueza e a posição social. E em certas culturas, até o sobrenome de uma pessoa podia ser delatado pelo exame do cabelo, criando deste modo, formas únicas para cada clã. Além disso, um estilo particular de cabelo poderia ser usado para atrair a pessoa do sexo oposto ou como sinal de um ritual religioso.

"O significado social do cabelo era uma riqueza para o africano. Dessa forma, os aspectos estéticos assumiam um lugar de importância na vida cultural das diferentes etnias."(GOMES, N. L. 2003) Esta, afirma ainda que, na Nigéria, se uma mulher deixasse o cabelo despenteado, para alguns povos, era sinal de que alguma coisa estava errada, que a mulher estava de luto, deprimida ou suja. Já para outros, um cabelo despenteado ou sujo, implicava que a mulher tinha "perdido" a moral ou era insana.

Ainda que hoje, no Brasil, as formas de usar os cabelos não tenham significados tão determinantes, é relevante lembrar que além da utilidade inerente do ato de "arrumar" o cabelo, a cultura ainda tem códigos muito próprios para justificar tal ato; Já que esta pode ser considerada como um modo de viver, pensar e sentir o mundo, expressos de forma comum entre pessoas de mesma cultura.

Para Raul Lody "tocar a cabeça, pentear cabelos, organizar esteticamente penteados são atividades tão antigas e tão importantes como as mais notáveis descobertas do homem." (2004, p.98)

Entre algumas das culturas africanas que vieram para o Brasil na diáspora, estão a dos povos *Wolof*, *Mende*, *Mandingo* e *Iorubás.* De forma que, aqui tais culturas se adaptaram e se remodelaram. Ou seja, alguns significados deixaram de existir ou foram reinventados, assim como as técnicas, que apesar de alteradas, resistiram ao tempo e espaço. Como afirma Nilma Lino:

> A força simbólica do cabelo para os africanos continua de maneira recriada e ressignificada entre nós, seus descendentes. Ela pode ser vista nas práticas cotidianas e nas intervenções estéticas desenvolvidas pelas cabeleireiras e cabeleireiros étnicos, pelas trançadeiras em domicílio, pela família negra que corta e penteia o cabelo da menina e do menino. Pode ser vista também nas tranças, nos *dreads* e

> penteados usados pela juventude negra e branca. Se no processo da escravidão o negro não encontrava no seu cotidiano um lugar, quer fosse público ou privado, para celebrar o cabelo como se fazia na África, no mundo contemporâneo alguns espaços foram construídos para atender a essa prática cultural. (GOMES N. L. 2003)

Assim, atualmente, após o auge dos movimentos da moda Afro, é possível notar-se certa ruptura de paradigmas e pré-conceitos raciais que foram construídos historicamente no país. Hoje, em cidades nas quais a quantidade populacional de afrodescendentes é relevante, há ambientes encorajados e fortalecidos pela mídia para as práticas profissionais que enaltecem a beleza do negro.

A unidade do imaginário africano se materializa nas manifestações estéticas integradas à vida e à sociedade, de forma que para os africanos e afrodescendentes, as artes do corpo são processo que constroem o amplo e diverso campo da arte, que também é a do uso, a da transformação e da experiência cotidiana.

Expondo o modo como a identidade africana se recria em nosso território, pretende-se aqui enfatizar a relevância que a tradição de penteados afro tem para a atratividade turística no país, considerando a relação que esta tem com a imagem da cultura rica e miscigenada que exportamos.

A CULTURA ÉTNICA EM SALVADOR

Para aferir um espaço geográfico marcado por indissociáveis influencias africanas no território nacional, consideramos aqui a cidade de Salvador. Capital da Bahia, é a principal cidade negra do país em termos proporcionais, onde a população afrodescendente corresponde a 75,2% dos soteropolitanos5[5], desta forma, a cidade é marcada por uma forte cultura étnica e sincrética, distinta de qualquer outra cidade do país.

A antiga capital nacional, que ainda tem no turismo uma das fatias consideráveis de sua economia, deve levar em conta as motivações que aguçam a curiosidade e/ou interesse das pessoas de diversas partes do país e do mundo em conhecer a cidade.

A atividade turística na cidade tem como base, além do carnaval, os atrativos históricos, arquitetônicos, as belezas naturais, e em especial a cultura baiana e soteropolitana. Estas, lembradas pelas características marcantes das raízes africanas, viva nos saberes e fazeres, vigentes nas práticas populares e cotidianas das pessoas.

Como passar por Salvador e não ir ao Pelourinho? E como ir ao Pelourinho e não ver as baianas do Acarajé, das Tranças ou das lojas de lembranças, com seus trajes típicos e olhares amistosos?

Assim, não é preciso muito para notar que - em função do turismo ou não - ainda persistem vários hábitos e ofícios que estão plenamente integrados ao cotidiano de mulheres e homens (ainda em minoria), que de forma consciente ou espontânea revigoram e transmitem a cultura que lhes é tão própria.

Como mostra nota de 14 de Julho de 2006 da Agencia RADIOBRÁS, sobre a 2ª Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora na cidade de Salvador-BA:

> (...)o colorido das roupas africanas, adereços e o cuidado com os penteados demonstravam o orgulho negro e a cultura de outro continente. Por todo lado eram vistos túnicas, colares, turbantes, torços (...), vestidos amarrados, tranças nagôs e penteados *dread look* que caracterizam a maneira africana de se vestir. (...)De acordo com a historiadora Edileuza Penha de Souza, que também é consultora da Unesco para assuntos de educação e questões étnicas e raciais, a indumentária africana está relacionada com a beleza, a religiosidade e a identidade do povo negro. Segundo Souza, essa cultura e diversidade comum na África pode ser vista também no Brasil, resgatada pelos terreiros de candomblé e indumentárias das baianas. (...)é um resgate da cultura africana e que hoje passou a fazer parte do cotidiano. É uma volta para casa. É uma volta às origens. (Brendler, A. Repórter Agencia RADIOBRÁS)

No contexto citado, destacam-se as formas de se vestir e mostrar o cabelo, baseadas nos costumes tradicionais que ficaram como herança do outro continente.

Considerando-se que tem crescido a busca por culturas que não sejam a globalizada, especialmente por viajantes procedentes de países do Hemisfério Norte, dos países desenvolvidos, os locais que preservam ou reanimam dinâmicas culturais originais como essas, passam a ser eminentemente instigantes.

Fazendo um recorte mais aproximado, refletiremos sobre o papel que as

trançadeiras6[6] que se situam em áreas turísticas como o Centro Histórico e Mercado

Modelo7[7], de acordo com pesquisa de campo realizada por estudantes do curso de pós-graduação em Planejamento Turístico8[8]. Afim de pensar na responsabilidade que estes profissionais têm com relação à fixação e manutenção da identidade e cultura afrodescendente da cidade de Salvador. Cultura esta, que serve como um dos focos de atratividade turística para a mesma.

O TURISMO E A PROFISSÃO DE TRANÇAS

De acordo com observações e interações estabelecidas em campo, pôde-se observar que a maior parte dos profissionais atuantes nas áreas pesquisadas, aprenderam o oficio com familiares ou amigos e desta forma o transmitem à ajudantes, que aprendem basicamente através da observação. De modo que, a maioria deles, tem na atividade de trançadeira(o) a principal fonte de renda e sustento da família.

Assim, percebe-se a importância do ofício de trançadeira(o), que além de ser meio de manutenção cultural é fonte de sustento seja para os que trançam nas ruas ou nos salões étnicos de Salvador. Alguns dos profissionais que hoje estão em salões, começaram nas ruas da cidade, onde há dezenas deles até hoje, especialmente mulheres; trançando os cabelos dos soteropolitanos e turistas; especialmente nas regiões onde há grande número de atrativos turísticos.

Há, entre estas, portanto, a considerada precursora da profissão de Trançadeira informal - que hoje possui um salão especializado no coração da cidade - a qual é reverenciada na seqüência, como mostra o fragmento da mesma nota de 14 de Julho de 2006 da Agencia Nacional RADIOBRÁS:

> Negra Jhô foi uma das personalidades que chamaram atenção durante a conferência pela exuberância de seus trajes tipicamente africanos. Há mais de duas décadas ela dirige um centro de beleza negra que fica no Pelourinho. Para Jhô, usar as roupas africanas é muito mais do que uma questão de beleza: "Jamais viria para a cá vestida assim se não usasse as roupas todos os dias, porque a África não é um dia de festa, todos os dias são". Ela contou que quando criança era acusada de ser diferente e apanhava muito em casa por querer usar roupas características da cultura negra. Hoje, ao participar da conferência, ela fala com orgulho que tudo o que passou valeu a pena. (Idem - mesma fonte - Id.)

A baiana, nascida no Quilombo da Muribeca, Valdemira Telam de Jesus Sacramento, mais conhecida como Negra Jhô, aprendeu a pentear e trançar os cabelos com amigas e parentes, depois treinava nas bonecas.

"Com vinte e poucos anos, já na década de 1980, Jhô resolve ir a Salvador em busca de oportunidades de emprego. Faz de tudo um pouco. Trabalha como auxiliar de escritório, faz faxinas, prepara congelados. Mas não esquece o gosto e talento em trabalhar cabelos de afro descendentes." (LODY, R. 2004, p.119)

Assim, Negra Jhô continuara treinando, a arte de trançar os cabelos, em amigas, nos fins de semana, para não atrapalhar o trabalho. Até que, começou cada vez mais ser procurada para esse tipo de serviço. "As amigas faziam fila, comecei a achar que estava sendo explorada", (Apud LODY, R. 2004, p.119). Dessa forma, Jhô percebeu que tinha a oportunidade de ganhar dinheiro fazendo o que de que mais gostava, porém, restava saber como;

> "Como transformar em ocupação uma coisa que eu só fazia por prazer?", (...) "Um dia, sem trabalho, eu estava sentada no Pelourinho trançando os cabelos de uma amiga, quando alguns turistas pararam e perguntaram o preço do serviço. Resolvi arriscar e elaborei uma tabela para cada tipo de penteado, ali, na hora. No dia seguinte, as turistas voltaram, e daí para me profissionalizar foi um pulo." (Apud LODY, R. 2004, p.119)

E assim seguiu, até que em 1995, abriu o salão "Penteados Afro", no Pelourinho, mas, ainda faltava outra coisa: trabalhar a auto-estima da população negra. Segundo a própria: "Quando eu cheguei aqui em Salvador, eram mais os turistas que procuravam o meu trabalho. Os negros ainda não eram assumidos como agora. Estavam todos na onda do alisamento." (Apud LODY, R. 2004, p.119)

Contudo, a partir de então, começaram a surgir outras mulheres e homens, que com suas hábeis mãos, acostumados a trançar o próprio cabelo, e o de parentes e conhecidos, passaram então a desenvolver o trabalho de maneira "provisória" como ainda estão, nas calçadas sob o sol ou chuva, à sorte do dia. De maneira irregular, mas sem condições de mudar. Hoje, esses profissionais possuem uma associação, visando pleitear melhores condições físicas e morais, junto a órgãos públicos e privados, para melhor desempenhar o trabalho informal do qual sobrevivem.

Outra personalidade que hoje se destaca no meio artístico dos penteados étnicos é João Pedro Pereira de Jesus, nascido no Recôncavo Baiano, na época que ainda não se dava muito valor à questão étnica dos cabelos afro. Foi tentar a vida como artista na Europa na década de 1970 em Paris e para se manter enquanto tentava a vida artística, aprendeu a cuidar dos cabelos afrodescendentes. "comecei a estagiar em salões nos bairros com grande número de imigrantes negros. Naquela época, (...) dos anos 70, ser negro estava super na moda na Europa. As pessoas tinham orgulho de sua origem. Queriam cabelos que marcassem isso." Afirma João. (Apud LODY, R. 2004, p.123).

Segundo Lody,

> O cabelo é um marcante indício de procedência étnica, é um dos principais elementos biotipológicos na construção da pessoa na cultura. O negro quando assume o seu cabelo de negro assume também o seu papel na sociedade como uma pessoa negra. E ser negro no Brasil e no mundo, convenhamos, é ainda um duro caminho trilhado por milhares de afro descendentes.(LODY, R. 2004, p.125)

Como se pôde observar, as trançadeiras(os) em sua maioria, mesmo estando irregulares no centro de Salvador, se orgulham de seu trabalho e tem consciência de sua importância para a valorização da auto-estima negra, que consiste na própria auto-estima - já que a grande maioria delas são afrodescendentes. E por meio dessa experiência, e da citada por João Pedro, nota-se que africanos ou descendentes de africanos, espalhados pelo mundo afora buscam constantemente um reconhecimento identitário, que pode ser encontrado por meio da forma de usar-se o cabelo. O que curiosamente desperta o interesse de outros, que já não são afrodescendentes.

Conforme a reportagem da Agência SEBRAE de Notícias, em nota do dia 31 de janeiro de 2005: "A arte de trançar madeixas, passada geralmente entre parentes e amigos, é disseminada por meio das mãos ágeis das trançadeiras, reafirmando cada vez mais a cultura negra." E segue:

> As mulheres afrodescendentes estão deixando de alisar os cabelos para aderir ao estilo das tranças e não há como resistir a essa tendência, porque não só os negros e descendentes estão usando cabelos e penteados afro, mas os americanos, os italianos, alemães e outros aderiram também à novidade. Hoje a negritude está assumindo a sua identidade e as trançadeiras têm parte nessa contribuição. "É um orgulho muito grande porque a gente está mudando a mente das pessoas", vangloria-se a trançadeira Alessandra Andrade dos Santos. (Agência SEBRAE de Notícias, 31/01/2005)

A matéria em questão mostra como o turismo está diretamente atrelado à essa profissão e fala sobre a Associação que as trançadeiras pretendiam criar, na época, para terem melhores condições de trabalho e um espaço melhor no Centro Histórico.

No entanto, a situação dessas profissionais já foi pior, como afirma a nota: "antes perseguidas por fiscais da prefeitura e marginalizadas por lojistas e taxistas, o momento agora é de conquistar o respeito da comunidade. (...) O reconhecimento e valorização do trabalho também são objetivos das trançadeiras."(Idem - mesma fonte - Id.) Hoje a Associação das Trançadeiras: ASSOTRAN já existe e conta com a adesão de maior parte de trançadeiras da região.

Dessa forma, persistem e muitas vezes passam por rotinas exaustivas e insalubres, em razão da quantidade de horas, pois se trata de um trabalho autônomo e

em local impróprio, onde faltam equipamentos de apoio como: cobertura contra sol e chuva, sanitário, mesas, só para citar os básicos. Algumas9[9] relatam que nos meses de verão, de alta estação, chegam a atender clientes de dez á doze horas seguidas, das quais a maior parte passam em pé.

Difícil é não nos perguntarmos se tal ofício não merece um pouco mais de atenção por parte dos órgãos municipais, estaduais ou federais, em vista do representativo trabalho que desempenham em prol da difusão e manutenção da cultura que o próprio Estado vende como uma das riquezas nacionais. Considerando-se a visão do Ministério da Cultura, que defende:

> A cultura popular é a expressão mais legítima e espontânea de um povo. Ao mesmo tempo em que carrega em si elementos fundadores de uma cultura, resulta de um constante processo de transformações, assimilações e misturas. Ao assumir e reconhecer sua fundamental importância para a construção de uma identidade nacional que compreenda toda a diversidade das manifestações culturais do Brasil, o Governo Federal dá um passo importante em direção ao fortalecimento de uma consciência cidadã no país.10[10]

No caso da cultura de trançar os cabelos, esta é uma arte que além de ressaltar o orgulho étnico, tem um papel de fundamental na configuração social e econômica do local; Pois deixa de ser apenas a cultura étnica popular, ensinada em casa e passa a ser profissão e forma de sustento para várias famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formas de expressão marcadas pelos estilos e usos do cabelo afrodescentende tem parte relevante na configuração de um cenário étnico-cultural que se estabelece na antiga capital do Brasil, Salvador. De maneira que integram um leque de mitos e ritos aos quais sua população está vinculada, considerando-se as festas, as representações religiosas e as criações artísticas, das mais diversas formas.

Entretanto, a valorização estética dos negro-mestiços no Brasil, ainda está mais vinculada à uma emersão social de certa conjuntura estética - que cria um modo de ser, vestir e sentir-se, - por parte do próprio negro; do que àquela que gera protestos e busca eficazes mudanças de caráter econômico-social.

As tendências de cabelos devem, contudo, unir o orgulho étnico à uma busca organizada e coerente de reconhecimento do caráter da atividade, por parte do ofício de trançadeiras(os). De forma que os órgãos responsáveis pela divulgação e implementação turística na cidade e no estado, percebam a importância que as culturas étnicas tem para a atividade turística; Afim de encontrar meios de apoiar

iniciativas como a destes profissionais informais, seja com parcerias entre empresas público-privadas, seja de outras maneiras criativas.

O fato é que, quanto mais incentivo for dado a esse tipo de manifestação cultural por parte de órgãos públicos e/ou privados, junto à medidas conciliadoras, mais o visitante, nacional e internacional vai valorizar, e assim os investimentos retornarão. De forma que o trabalho de cabelos nos modelos afro seja reconhecido por seu genuíno valor tradicional, e não transformado em um produto banalizado e meramente mercantil.

REFERÊNCIAS:

LODY, R. G. da M. **Cabelos de Axé:** Identidade e resistência. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2004. 136p.

SANTOS, Jocélio Teles. **O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos.** Estudos Afro-asiáticos nº38 Rio de Janeiro, dezembro 2000. Disponível em: Acesso em: 25/01/2007.

GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação.** Revista Brasileira de Educação: nº.23 Rio de Janeiro, Maio/Agosto 2003.
Disponível em: Acesso em: 25/01/2007.

Observatório Afrobrasileiro (UFRJ/IPDH) Disponível em: <http://www.lpp-uerj.net/olped/documentos/ppcor/0349.pdf> Acesso em: 20/02/2007.

Agencia Brasil RADIOBRÁS: **Trajes revelam orgulho negro e são espetáculo à parte em conferência sobre África.** Adriana Brendler. 15 de Julho de 2006 - 10h04. Disponível em: Acesso em: 12/11/2006.

Agência SEBRAE de Notícias: **Trançadeiras do Pelourinho vão criar associação.** 31/01/2005 - 15:42. Disponível em:
Acesso em: 10/11/2006.

Ministério da Cultura, em **Seminário Nacional de Culturas Populares** de 23 a 26/02/2005; Disponível em:
http://www.cultura.gov.br/foruns_de_cultura/culturas_populares/seminario_nacional

Acesso em: 10/03/2007.

11[1] Bacharel em Turismo pela Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR e pós-graduanda em Planejamento Turístico pelas Faculdades Integradas Olga Mettig - CEPOM

12[2] Raul Lody: Cabelos de Axé: Identidade e Resistência (2004, p.98).

13**[3]** SANTOS, Jocélio Teles dos, Nota retirada do artigo: O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. Estud. afro-asiát. n.38 Rio de Janeiro dez. 2000.

14[4] GOMES, Nilma Lino, Nota do artigo: Cultura negra e educação. Rev. Bras. Educ. nº23 Rio de Janeiro May/Aug. 2003.